

ENTRE REDES E SABERES: UMA ANÁLISE DO LETRAMENTO DIGITAL NA VIVÊNCIA DISCENTE**BETWEEN NETWORKS AND KNOWLEDGE: AN ANALYSIS OF DIGITAL LITERACY IN STUDENTS' LIVED EXPERIENCES** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.035-006>**Gabriela Santos Ribeiro**

Especialização: Ação docente para uma atuação inovadora

Univesp

São Paulo-SP

E-mail: gabriela.ribeiro2@professor.edu.pi.gov.br

Fabiola Franco Torres da Silva

Especialista em Ação docente para uma atuação inovadora

Universidade Virtual do Estado de São Paulo-UNIVESP

São Paulo - SP

E-mail: fabiolafrancotorres@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3444479385258770>**Gessielma Aparecida de Sousa Santos**

Mestrado em Estudos da Linguagem

UFPI-PI

Teresina - PI

E-mail: gessielmasantos@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9382153107579277>**RESUMO**

A intensificação da cultura digital na sociedade contemporânea tem produzido transformações significativas nos modos de comunicação, de acesso à informação e de produção de conhecimentos, impactando diretamente os processos educativos e as práticas escolares. Embora os estudantes estejam cada vez mais conectados às redes digitais, o uso frequente das tecnologias não implica, necessariamente, a constituição de práticas efetivas de letramento digital. Este capítulo tem como objetivo analisar o letramento digital na vivência discente, compreendendo-o como prática social, cultural e formativa, que ultrapassa o domínio técnico das ferramentas digitais. Fundamentado em autores que discutem cultura digital, cibercultura, juventudes e educação, o texto problematiza a distância existente entre uso cotidiano das tecnologias e apropriação crítica, ética e consciente dos recursos digitais no contexto escolar. A partir da análise de uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio, discute-se o papel da escola e da mediação docente na promoção do letramento digital, defendendo-se sua centralidade para a formação cidadã e para o enfrentamento dos desafios informacionais da contemporaneidade.

Palavras-chave: Letramento digital; Cultura digital; Educação; Juventudes; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The intensification of digital culture in contemporary society has produced significant transformations in modes of communication, access to information, and knowledge production, directly impacting educational processes and school practices. Although students are increasingly connected to digital networks, frequent use of technologies does not necessarily imply the development of effective digital literacy practices. This chapter aims to analyze digital literacy in students' lived experiences, understanding it as a social, cultural, and formative practice that goes beyond technical mastery of digital tools. Grounded in authors who discuss digital culture, cyberspace, youth, and education, the text problematizes the gap between everyday use of technologies and the critical, ethical, and conscious appropriation of digital resources in school contexts. Based on the analysis of a study conducted with high school students, the chapter discusses the role of schools and teacher mediation in promoting digital literacy, emphasizing its centrality to civic education and to addressing contemporary informational challenges.

Keywords: Digital literacy; Digital culture; Education; Youth; Pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

A presença massiva das tecnologias digitais no cotidiano social tem redefinido profundamente as formas de interação, comunicação e produção de sentidos na contemporaneidade. Redes sociais, plataformas digitais e dispositivos móveis passaram a mediar grande parte das experiências humanas, influenciando não apenas hábitos de consumo e entretenimento, mas também os modos de aprender, ensinar e construir conhecimentos. Nesse cenário, a escola encontra-se desafiada a repensar suas práticas pedagógicas, uma vez que os estudantes chegam às salas de aula imersos em uma cultura digital marcada pela conectividade permanente e pela circulação acelerada de informações.

Entretanto, a familiaridade dos jovens com as tecnologias digitais não garante, por si só, a constituição de práticas de letramento digital. O uso frequente de redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de entretenimento tende a ser confundido com domínio das tecnologias, reforçando a ideia equivocada de que os estudantes seriam naturalmente “letrados digitais”. Heinsfeld e Pischedola (2018) problematizam esse entendimento ao desmistificar o conceito de nativos digitais, demonstrando que o acesso e o uso cotidiano das tecnologias não asseguram o desenvolvimento de habilidades críticas, informacionais e estratégicas necessárias para uma atuação consciente no ambiente digital.

A cultura digital, conforme discutida por Castells (1999), caracteriza-se pela comunicação em rede, pela conectividade global e pela possibilidade de produção e disseminação de conteúdos de forma rápida e

descentralizada. Martha Gabriel (2013) complementa essa análise ao afirmar que as tecnologias digitais configuram uma nova tessitura social, na qual sujeitos e saberes se reorganizam a partir de lógicas próprias do ambiente digital. No campo educacional, essas transformações exigem uma revisão das concepções tradicionais de ensino, ainda fortemente ancoradas em modelos conteudistas e pouco dialógicos, que não dialogam com as experiências digitais vivenciadas pelos estudantes.

Nesse contexto, o letramento digital emerge como uma prática social indispensável à formação dos sujeitos na contemporaneidade. Diferentemente de uma perspectiva instrumental, que reduz o letramento digital ao domínio técnico de ferramentas, comprehende-se que ele envolve a capacidade de acessar, avaliar, produzir e compartilhar informações de maneira crítica, ética e responsável. Van Dijk (2005) contribui para essa compreensão ao propor que o letramento digital se constitui a partir de habilidades operacionais, informacionais e estratégicas, articuladas às condições sociais e culturais dos indivíduos.

A escola, portanto, assume papel central na mediação dessas práticas, uma vez que se configura como espaço privilegiado para a formação crítica e cidadã. Em um contexto marcado pela disseminação de desinformação, fake news e pela atuação de algoritmos que orientam o consumo de conteúdos, torna-se urgente promover práticas educativas que possibilitem aos estudantes compreenderem os mecanismos que estruturam o ambiente digital. Como afirma Pérez Gómez (2015), aprender a linguagem da tela e das tecnologias da interrupção é tão necessário quanto a alfabetização tradicional, exigindo da escola e dos professores uma postura pedagógica comprometida com o desenvolvimento do pensamento crítico.

Diante dessas reflexões, este capítulo propõe analisar o letramento digital na vivência discente, tomando como referência uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública. Ao articular fundamentos teóricos e dados empíricos, busca-se compreender como os jovens se relacionam com as tecnologias digitais e em que medida essas práticas contribuem — ou não — para o desenvolvimento do letramento digital. Defende-se que a superação da distância entre uso cotidiano e apropriação crítica das tecnologias depende, fundamentalmente, da atuação da escola e da mediação docente na construção de práticas pedagógicas contextualizadas e socialmente significativas.

2 CULTURA DIGITAL, REDES E EDUCAÇÃO

A compreensão do letramento digital passa, necessariamente, pela análise da cultura digital como fenômeno social, cultural e histórico. A expansão das redes digitais não apenas introduziu novas ferramentas tecnológicas, mas reorganizou profundamente as formas de comunicação, de acesso à informação e de produção de conhecimento. Castells (1999) caracteriza esse processo como a constituição de uma sociedade em rede, na qual os fluxos informacionais se tornam centrais para a organização da vida social, econômica e cultural. Nesse contexto, a escola deixa de ser o único espaço legítimo de circulação do saber, passando a disputar atenção e sentidos com múltiplas instâncias digitais.

Martha Gabriel (2013) contribui para essa discussão ao afirmar que as tecnologias digitais atuam como mediadoras de uma nova tessitura social, marcada pela interatividade, pela velocidade e pela produção colaborativa de conteúdos. No campo educacional, essa mediação impõe desafios significativos, uma vez que as práticas pedagógicas tradicionais, baseadas na transmissão linear do conhecimento, mostram-se insuficientes para dialogar com sujeitos que aprendem, comunicam-se e constroem sentidos em ambientes digitais multimodais. Assim, a incorporação da cultura digital na escola não pode restringir-se ao uso eventual de tecnologias, mas exige a revisão das concepções de ensino e aprendizagem.

Entretanto, a presença das tecnologias digitais no cotidiano dos estudantes não garante, por si só, aprendizagens significativas. A hiperconectividade, característica da cultura digital contemporânea, tem produzido um volume intenso e fragmentado de informações, muitas vezes consumidas de forma superficial. Crary (2016) alerta que o regime de atenção permanente imposto pelas redes digitais contribui para a sensação constante de urgência e de obsolescência, levando os sujeitos a um consumo contínuo de informações, sem tempo para reflexão ou aprofundamento. No contexto escolar, essa lógica pode comprometer processos formativos mais densos, baseados na reflexão crítica e na construção de conhecimentos duradouros.

Nesse sentido, Pérez Gómez (2015) enfatiza que aprender a linguagem da tela e das tecnologias da interrupção tornou-se tão necessário quanto a alfabetização relacionada à leitura e à escrita verbal. Para o autor, a educação contemporânea precisa preparar os estudantes para interpretar criticamente os discursos digitais, compreender os mecanismos de produção e circulação da informação e desenvolver critérios para selecionar, avaliar e ressignificar conteúdos. Tal perspectiva reforça a ideia de que o letramento digital não se limita ao domínio técnico das ferramentas, mas envolve competências cognitivas, éticas e sociais.

A escola, portanto, enfrenta o desafio de mediar a relação entre os estudantes e a cultura digital, evitando tanto a rejeição acrítica quanto a adesão irrestrita às tecnologias. Moretto e Dametto (2018) defendem a necessidade de conciliação entre a tecnologia digital e a escola, de modo que esta continue sendo espaço privilegiado de formação do sujeito. Isso implica reconhecer as potencialidades educativas das redes digitais, sem desconsiderar os riscos associados à desinformação, à dependência tecnológica e à atuação dos algoritmos na seleção de conteúdos.

Dessa forma, compreender a cultura digital como dimensão constitutiva da experiência contemporânea é condição fundamental para pensar práticas educativas voltadas ao letramento digital. Ao reconhecer que os saberes circulam em redes e são produzidos em múltiplos espaços, a escola pode assumir um papel formativo estratégico, orientando os estudantes a se posicionarem de maneira crítica e consciente nesse ambiente. Essa mediação pedagógica torna-se ainda mais relevante quando se considera que o simples acesso às tecnologias não assegura a apropriação crítica dos recursos digitais, aspecto que será aprofundado na seção seguinte, dedicada à compreensão do letramento digital como prática social.

3 LETRAMENTO DIGITAL COMO PRÁTICA SOCIAL

A noção de letramento digital adotada neste capítulo afasta-se de concepções estritamente instrumentais, que o reduzem ao simples domínio técnico de dispositivos e ferramentas digitais. Em consonância com abordagens contemporâneas dos estudos do letramento, comprehende-se o letramento digital como prática social, historicamente situada, atravessada por relações de poder, cultura e linguagem. Tal entendimento permite problematizar a ideia de que o acesso frequente às tecnologias garantiria, automaticamente, a formação de sujeitos críticos e autônomos no ambiente digital.

Van Dijk (2005) oferece uma contribuição central para essa discussão ao propor que o letramento digital se constitui a partir de três tipos de habilidades interdependentes: operacionais, informacionais e estratégicas. As habilidades operacionais dizem respeito ao manuseio técnico das tecnologias; as informacionais envolvem a capacidade de buscar, selecionar, avaliar e produzir informações; e as estratégicas referem-se ao uso consciente e intencional das tecnologias para alcançar objetivos pessoais, educacionais e sociais mais amplos. Essa tipologia evidencia que o letramento digital não se esgota no saber “usar” ferramentas, mas exige competências cognitivas e críticas mais complexas.

A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender por que muitos estudantes, embora intensamente conectados às redes digitais, apresentam dificuldades em utilizar as tecnologias para fins educacionais. Heinsfeld e Pischetola (2018) problematizam o discurso dos chamados “nativos digitais”, demonstrando que a familiaridade com dispositivos e plataformas não implica, necessariamente, o desenvolvimento de competências informacionais e estratégicas. Tal discurso, ao naturalizar o domínio tecnológico dos jovens, tende a invisibilizar desigualdades sociais e educacionais, além de eximir a escola de sua responsabilidade formativa no campo do letramento digital.

O letramento digital, enquanto prática social, também se relaciona diretamente com a formação cidadã e com o enfrentamento dos desafios informacionais contemporâneos. Lucas et al. (2020) destacam que a literacia digital constitui importante instrumento no combate à desinformação e às fake news, uma vez que possibilita aos sujeitos analisar criticamente as fontes, identificar manipulações discursivas e compreender os interesses que orientam a circulação de determinadas narrativas. Nesse sentido, o letramento digital assume dimensão ética e política, fundamental para a participação consciente na vida social.

Além disso, a atuação dos algoritmos nas plataformas digitais reforça a necessidade de uma formação crítica. Ao direcionar conteúdos com base em padrões de consumo e comportamento, os algoritmos tendem a limitar a diversidade informacional e a reforçar bolhas de interesse, o que pode comprometer a autonomia dos sujeitos. Crary (2016) alerta que esse regime de atenção contínua e de atualização permanente contribui para formas sutis de controle e dependência, exigindo da educação uma postura crítica frente às lógicas que estruturam o ambiente digital.

Nesse contexto, a escola emerge como espaço privilegiado para a promoção do letramento digital em sua dimensão social e crítica. Mais do que inserir tecnologias nas práticas pedagógicas, é necessário criar situações de aprendizagem que favoreçam a reflexão sobre o uso das mídias digitais, a análise dos discursos que circulam nas redes e a produção consciente de conteúdos. Ao assumir esse papel, a escola contribui para a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir de maneira ética e responsável na cultura digital.

Assim, compreender o letramento digital como prática social implica reconhecer que ele se constrói nas interações, nas experiências e nas mediações pedagógicas. Essa compreensão permite avançar para a análise das relações entre juventudes, escola e desigualdades digitais, temática que será aprofundada na próxima seção, a partir da articulação entre dados sociais, acesso às tecnologias e práticas escolares.

4 JUVENTUDES, ESCOLA E DESIGUALDADES DIGITAIS

A análise do letramento digital na vivência discente exige considerar as condições concretas de acesso às tecnologias e as desigualdades sociais que atravessam as trajetórias escolares das juventudes. Embora o discurso da cultura digital frequentemente enfatize a conectividade e a democratização do acesso à informação, os dados empíricos revelam que esse acesso ocorre de maneira desigual, marcada por limitações materiais, econômicas e institucionais. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), os adolescentes figuram entre os maiores usuários de internet no país, porém esse uso é, em grande parte, mediado por dispositivos móveis, especialmente o telefone celular.

O predomínio do smartphone como principal — e, muitas vezes, único — meio de acesso à internet tem implicações significativas para o desenvolvimento do letramento digital. Conforme observado na pesquisa analisada neste capítulo, o uso restrito ao celular limita a exploração de ferramentas digitais mais complexas, como editores de texto, planilhas, apresentações e softwares de produção multimodal. Silva e Melo (2018) destacam que, para uma parcela significativa da população, o celular tornou-se a única porta de entrada para o mundo digital, o que impacta diretamente as formas de estudo, interação e produção de conhecimento.

Essas limitações materiais se agravam em contextos de vulnerabilidade social, nos quais o acesso à internet é instável ou insuficiente e os equipamentos disponíveis não atendem às demandas educacionais. Tal realidade contribui para a ampliação das desigualdades digitais, uma vez que o simples acesso às tecnologias não garante condições adequadas para o desenvolvimento de habilidades informacionais e estratégicas. Van Dijk (2005) argumenta que as desigualdades digitais não se restringem à ausência de acesso, mas envolvem diferenças na qualidade do uso, nas oportunidades de aprendizagem e na capacidade de transformar o uso das tecnologias em ganhos sociais e educacionais.

Além das condições materiais, é necessário considerar os aspectos culturais e simbólicos que atravessam a relação dos jovens com as tecnologias digitais. A pesquisa evidencia que grande parte do tempo de uso da internet é destinada a atividades de entretenimento e interação social, como conversas com amigos, participação em redes sociais, consumo de vídeos e músicas. Embora essas práticas façam parte da cultura juvenil contemporânea, elas não se traduzem automaticamente em práticas de letramento digital voltadas à aprendizagem escolar. Como apontam Heinsfeld e Pischetola (2018), a familiaridade com as redes não implica domínio crítico dos recursos digitais nem compreensão dos mecanismos que regulam a circulação da informação.

Nesse cenário, a escola assume papel fundamental ao mediar a relação entre juventudes e tecnologias digitais. Entretanto, quando as práticas pedagógicas permanecem ancoradas em modelos tradicionais, pouco dialogam com a cultura digital vivenciada pelos estudantes, tornando-se desinteressantes e distantes de suas experiências cotidianas. Moretto e Dametto (2018) ressaltam que a ausência de integração crítica das tecnologias no currículo escolar contribui para a manutenção de práticas educativas descontextualizadas, incapazes de promover o letramento digital de forma efetiva.

Outro aspecto relevante diz respeito à atuação dos algoritmos e à exposição dos jovens a conteúdos direcionados, muitas vezes sem critérios claros de confiabilidade. Crary (2016) alerta que o consumo contínuo de informações, mediado por plataformas digitais, pode gerar dependência e reduzir a capacidade de reflexão crítica. Nesse contexto, a ausência de letramento digital torna os estudantes mais suscetíveis à desinformação, à manipulação de dados e à naturalização de discursos hegemônicos que circulam nas redes.

Dessa forma, discutir juventudes, escola e desigualdades digitais implica reconhecer que o letramento digital não pode ser tratado como responsabilidade individual dos estudantes. Trata-se de uma questão pedagógica, social e política, que demanda ações institucionais voltadas à inclusão digital crítica. Ao reconhecer as desigualdades de acesso e uso das tecnologias, a escola pode assumir uma postura mais comprometida com a formação cidadã, criando condições para que todos os estudantes desenvolvam competências digitais que ultrapassem o consumo passivo de conteúdos e promovam a participação consciente na cultura digital.

5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E MEDIAÇÃO DOCENTE NO LETRAMENTO DIGITAL

A promoção do letramento digital na escola está diretamente vinculada às práticas pedagógicas adotadas e ao papel do professor como mediador do processo educativo. Em um contexto marcado pela presença constante das tecnologias digitais, torna-se insuficiente compreender a docência apenas como transmissão de conteúdos. O professor assume a função de orientar, problematizar e atribuir sentido ao uso das tecnologias, possibilitando que os estudantes avancem do consumo passivo de informações para práticas críticas de leitura, escrita e produção de conhecimentos em ambientes digitais.

Nesse sentido, a mediação docente constitui elemento central para a construção do letramento digital como prática social. Conforme destaca Pérez Gómez (2015), a escola precisa ensinar os estudantes a interpretar a linguagem da tela, compreendendo os códigos, discursos e intencionalidades que atravessam os conteúdos digitais. Tal tarefa exige que o professor planeje situações didáticas que articulem tecnologias, reflexão crítica e objetivos pedagógicos claros, evitando tanto a rejeição das mídias digitais quanto sua incorporação acrítica ao currículo.

A Base Nacional Comum Curricular reconhece a centralidade das tecnologias digitais na formação dos estudantes, ao incluir a cultura digital entre as competências gerais da Educação Básica. A BNCC enfatiza a necessidade de desenvolver nos alunos a capacidade de utilizar as tecnologias de forma crítica, significativa, ética e responsável (BRASIL, 2018). Entretanto, a simples presença desse eixo nos documentos oficiais não garante sua efetivação no cotidiano escolar. É no âmbito das práticas pedagógicas concretas que o letramento digital se materializa ou se esvazia.

A pesquisa analisada neste capítulo evidencia que muitos estudantes associam o uso das tecnologias digitais predominantemente a atividades de entretenimento e comunicação, revelando dificuldades em utilizá-las como ferramentas de aprendizagem. Esse dado reforça a importância da intervenção pedagógica planejada, capaz de orientar os alunos na utilização de recursos digitais para pesquisa, produção textual, organização de ideias e apresentação de conhecimentos. Quando o professor propõe atividades mediadas por tecnologias, com intencionalidade pedagógica e acompanhamento reflexivo, contribui para o desenvolvimento das habilidades informacionais e estratégicas descritas por Van Dijk (2005).

Além disso, a formação docente emerge como condição indispensável para a efetivação do letramento digital na escola. Muitos professores, embora utilizem tecnologias em seu cotidiano pessoal, não se sentem preparados para integrá-las às práticas pedagógicas de forma crítica e significativa. Moretto e Dametto (2018) ressaltam que a ausência de formação específica pode levar ao uso superficial das tecnologias, restrito à reprodução de práticas tradicionais em novos suportes. Assim, investir em processos formativos que articulem teoria, prática e reflexão crítica torna-se fundamental para fortalecer a mediação docente.

Outro aspecto relevante diz respeito à necessidade de romper com a dicotomia entre escola tradicional e cultura digital. Integrar o letramento digital ao currículo não significa abandonar conteúdos escolares ou relativizar o papel do conhecimento sistematizado, mas ressignificar as práticas pedagógicas à luz das transformações culturais contemporâneas. Como argumenta Castells (1999), viver em uma sociedade em rede exige competências cognitivas e comunicacionais específicas, que precisam ser desenvolvidas de forma intencional no espaço escolar.

Dessa forma, as práticas pedagógicas voltadas ao letramento digital devem promover a articulação entre tecnologias, conteúdos curriculares e formação humana. Ao assumir a mediação docente como eixo

estruturante, a escola pode transformar o uso das tecnologias digitais em oportunidade de aprendizagem crítica, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, capazes de compreender, questionar e intervir de maneira consciente na cultura digital.

Com o objetivo de sistematizar os principais eixos teóricos discutidos ao longo do capítulo, apresenta-se a seguir um quadro-síntese que articula as dimensões constitutivas do letramento digital na vivência discente, relacionando conceitos centrais, implicações pedagógicas e autores de referência. Essa organização permite visualizar o letramento digital como fenômeno complexo, atravessado por aspectos culturais, sociais, pedagógicos e formativos.

Quadro 1 – Dimensões do letramento digital na vivência discente.

Dimensão	Caracterização	Principais autores
Cultura digital	Compreensão da sociedade em rede, marcada pela conectividade, circulação acelerada de informações e reconfiguração dos modos de comunicação e aprendizagem	Castells (1999); Gabriel (2013)
Letramento digital	Entendido como prática social que ultrapassa o uso técnico das tecnologias, envolvendo leitura crítica, produção de sentidos e autoria no ambiente digital	Van Dijk (2005); Pérez Gómez (2015)
Juventudes e tecnologias	Uso intenso das redes digitais, predominantemente para entretenimento e comunicação, sem garantia de apropriação crítica ou formativa	Heinsfeld & Pischetola (2018); IBGE (2018)
Desigualdades digitais	Limitações de acesso, uso restrito ao celular e diferenças na qualidade do uso das tecnologias, impactando o desenvolvimento do letramento digital	Van Dijk (2005); Silva & Melo (2018)
Mediação docente	Papel do professor na orientação crítica do uso das tecnologias, promovendo práticas pedagógicas intencionais e formativas	Pérez Gómez (2015); Moretto & Dametto (2018)
Formação cidadã	Letramento digital como condição para participação ética, crítica e consciente na cultura digital e no enfrentamento da desinformação	Lucas et al. (2020); BNCC (2018)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.

6 A PESQUISA COMO ANÁLISE EMPÍRICA: VIVÊNCIAS DISCENTES E LETRAMENTO DIGITAL

A pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio, que fundamenta as reflexões deste capítulo, não é apresentada aqui com a finalidade de descrever exaustivamente procedimentos metodológicos ou resultados estatísticos, mas como um **dispositivo analítico** que permite compreender, de forma situada, as relações estabelecidas pelos jovens com as tecnologias digitais. Ao tomar os dados empíricos como ponto de diálogo com a fundamentação teórica, busca-se evidenciar como o letramento digital se manifesta — ou

se fragiliza — nas vivências discentes, revelando tensões entre uso cotidiano, aprendizagem escolar e mediação pedagógica.

Os dados coletados por meio de questionários indicam que os estudantes utilizam intensamente a internet e as redes sociais, sobretudo para fins de comunicação, entretenimento e consumo de conteúdos audiovisuais. Esse resultado confirma discussões apresentadas por Castells (1999) e Gabriel (2013), ao evidenciarem que a cultura digital estrutura práticas sociais marcadas pela conectividade e pela circulação constante de informações. Contudo, a pesquisa também revela que tal uso não se converte, automaticamente, em práticas de letramento digital voltadas à aprendizagem, à pesquisa ou à produção crítica de conhecimentos.

Observou-se que muitos estudantes apresentam dificuldades em utilizar as tecnologias digitais para atividades escolares, como elaboração de trabalhos, organização de informações e produção de textos multimodais. Essa limitação dialoga diretamente com a distinção proposta por Van Dijk (2005), segundo a qual o domínio operacional das tecnologias não garante o desenvolvimento de habilidades informacionais e estratégicas. O uso frequente das redes, quando desvinculado de práticas reflexivas, tende a permanecer restrito a ações imediatas, pouco articuladas a objetivos formativos mais amplos.

A oficina pedagógica desenvolvida no contexto da pesquisa constitui elemento central para a análise do papel da mediação docente no letramento digital. Ao propor o uso da plataforma Canva para a produção de materiais digitais, a atividade buscou ampliar o repertório dos estudantes, estimulando a organização de ideias, a seleção crítica de informações e a produção autoral de conteúdos. A experiência evidenciou que, quando orientados pedagogicamente, os estudantes demonstram capacidade de utilizar as tecnologias digitais de forma mais criativa e significativa, rompendo com a lógica do consumo passivo de informações.

Durante a realização da oficina, tornou-se evidente a importância da intervenção docente para orientar escolhas, problematizar conteúdos e incentivar a reflexão sobre os recursos utilizados. Esse processo confirma as contribuições de Pérez Gómez (2015), ao defender que aprender a linguagem da tela exige mediação pedagógica intencional, capaz de transformar o uso das tecnologias em experiência formativa. A atividade também evidenciou que o letramento digital se constrói na prática, por meio de situações que desafiam os estudantes a pensar, decidir e produzir sentidos no ambiente digital.

Outro aspecto relevante observado na pesquisa refere-se à percepção dos próprios estudantes sobre suas dificuldades e potencialidades no uso das tecnologias. Ao refletirem sobre suas práticas digitais, muitos reconheceram limitações relacionadas à organização do estudo, à avaliação da confiabilidade das fontes e à produção de conteúdos autorais. Esse movimento de autorreflexão reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a consciência crítica sobre o uso das tecnologias, aspecto central do letramento digital enquanto prática social e formativa.

Assim, a análise empírica desenvolvida neste capítulo evidencia que o letramento digital não emerge espontaneamente do contato cotidiano com as tecnologias. Ele se constrói a partir de práticas educativas mediadas, que articulam teoria, experiência e reflexão crítica. A pesquisa, ao ser integrada à discussão teórica, reforça a tese de que a escola desempenha papel insubstituível na formação digital dos estudantes, sobretudo ao criar condições para que as tecnologias sejam utilizadas como instrumentos de aprendizagem, autoria e participação cidadã.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste capítulo evidenciam que o letramento digital constitui uma dimensão central da formação dos estudantes na contemporaneidade, não podendo ser reduzido ao simples domínio técnico de dispositivos e plataformas digitais. Em uma sociedade marcada pela conectividade permanente, pela circulação acelerada de informações e pela mediação algorítmica dos conteúdos, torna-se imprescindível compreender o letramento digital como prática social, cultural e formativa, que envolve leitura crítica, produção de sentidos, autoria e posicionamento ético no ambiente digital.

Ao discutir a cultura digital e a sociedade em rede, observou-se que as tecnologias digitais reconfiguram profundamente os modos de aprender, comunicar e produzir conhecimentos, deslocando a escola de sua posição tradicional como principal espaço de circulação do saber. Contudo, esse deslocamento não implica a perda da relevância da instituição escolar, mas, ao contrário, reforça sua responsabilidade formativa. Cabe à escola mediar a relação dos estudantes com a cultura digital, promovendo práticas pedagógicas que ultrapassem o consumo passivo de informações e favoreçam a construção de competências críticas e reflexivas.

A análise do letramento digital como prática social permitiu problematizar discursos que naturalizam o domínio tecnológico dos jovens, como o mito dos “nativos digitais”. Conforme evidenciado ao longo do texto, o uso frequente das tecnologias não garante o desenvolvimento de habilidades informacionais e estratégicas, nem assegura uma atuação consciente no ambiente digital. Nesse sentido, o letramento digital revela-se profundamente atravessado por desigualdades sociais, culturais e educacionais, exigindo políticas e práticas pedagógicas comprometidas com a inclusão digital crítica.

A discussão sobre juventudes, escola e desigualdades digitais reforçou que o acesso às tecnologias ocorre de forma heterogênea, muitas vezes limitado a dispositivos móveis e a conexões precárias. Essa realidade impacta diretamente as possibilidades de aprendizagem e produção de conhecimentos, ampliando distâncias entre os estudantes. Diante desse cenário, a escola assume papel estratégico ao criar condições para que todos os alunos desenvolvam competências digitais que transcendam o uso recreativo das tecnologias, promovendo autonomia intelectual e participação cidadã.

As práticas pedagógicas e a mediação docente emergiram como eixos estruturantes para a efetivação do letramento digital na escola. A pesquisa analisada neste capítulo demonstrou que, quando orientados pedagogicamente, os estudantes são capazes de utilizar as tecnologias digitais de forma mais crítica, criativa e significativa. A oficina desenvolvida, ao propor a produção autoral de conteúdos digitais, evidenciou o potencial das tecnologias como instrumentos de aprendizagem, desde que integradas a propostas didáticas intencionais e reflexivas.

Dessa forma, conclui-se que o letramento digital deve ser compreendido como compromisso educativo e social, indispensável à formação dos sujeitos na contemporaneidade. Promover o letramento digital na escola significa formar estudantes capazes de ler, interpretar, produzir e questionar os discursos que circulam nas redes digitais, assumindo postura ética e crítica diante das tecnologias. Ao assumir esse desafio, a escola reafirma seu papel na formação de cidadãos conscientes, aptos a compreender e intervir de maneira responsável no mundo digital e na sociedade em rede.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- GABRIEL, Martha. **Educ@r: a (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação: uma leitura dos discursos sobre os chamados nativos digitais. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 134–152, 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- LUCAS, Luís Henrique et al. Literacia digital e *fake news*: competências críticas para o exercício da cidadania. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 63–77, 2020.
- MORETTO, Cláudia; DAMETTO, Jarbas. Tecnologia digital e escola: desafios e possibilidades na educação contemporânea. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 49, p. 85–102, 2018.
- PÉREZ GÓMEZ, Ángel. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- VAN DIJK, Jan. **The deepening divide: inequality in the information society**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.